

A derrocada das democracias liberais

Desenvolvimento *Pesquisadores descrevem a dinâmica das rupturas democráticas que levam ao autoritarismo*

Luiz Carlos Bombassaro*

Em *Como as democracias morrem*, Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, professores de ciência política na Universidade Harvard, apresentam uma análise perspicaz e preocupante de um dos mais notáveis fenômenos políticos do nosso tempo: o colapso das democracias.

Ao tomar como base a candidatura, a campanha eleitoral e a eleição de Donald Trump para o governo dos Estados Unidos, os autores reconstruem os cenários sobre os quais se tornaram possíveis as mais recentes e emblemáticas rupturas democráticas, com especial destaque para os fatos ocorridos na Europa nos anos 1930 e na América Latina nos anos 1960 e 1970. Com um olhar atento ao movimento da história das ideias políticas, eles descrevem a dinâmica que, em muitos casos, fez ruir completamente o sistema democrático e abriu caminho para a instauração de governos autoritários no mundo inteiro.

Sistemas democráticos encontram, via de regra, sua base de sustentação em normas constitucionais e numa dinâmica de pesos e contrapesos institucionais que permitem a participação popular. Levitsky e Ziblatt constataam, no entanto, que nem sempre uma Constituição é ca-

paz de salvaguardar e garantir a democracia. Disso há muitos exemplos. A Constituição da República de Weimar, promulgada na Alemanha em 1919, tornou-se incapaz de impedir abusos governamentais e seu abandono foi um dos fatores que levou à ascensão do nazismo. Também em muitos outros países, especialmente na América Latina, o poder constitucional das normas escritas e dos tribunais foi insuficiente para manter vivo o espírito da democracia. Em muitos casos, a ruptura com a ordem democrática levou a golpes de estado e à implantação de governos autoritários.

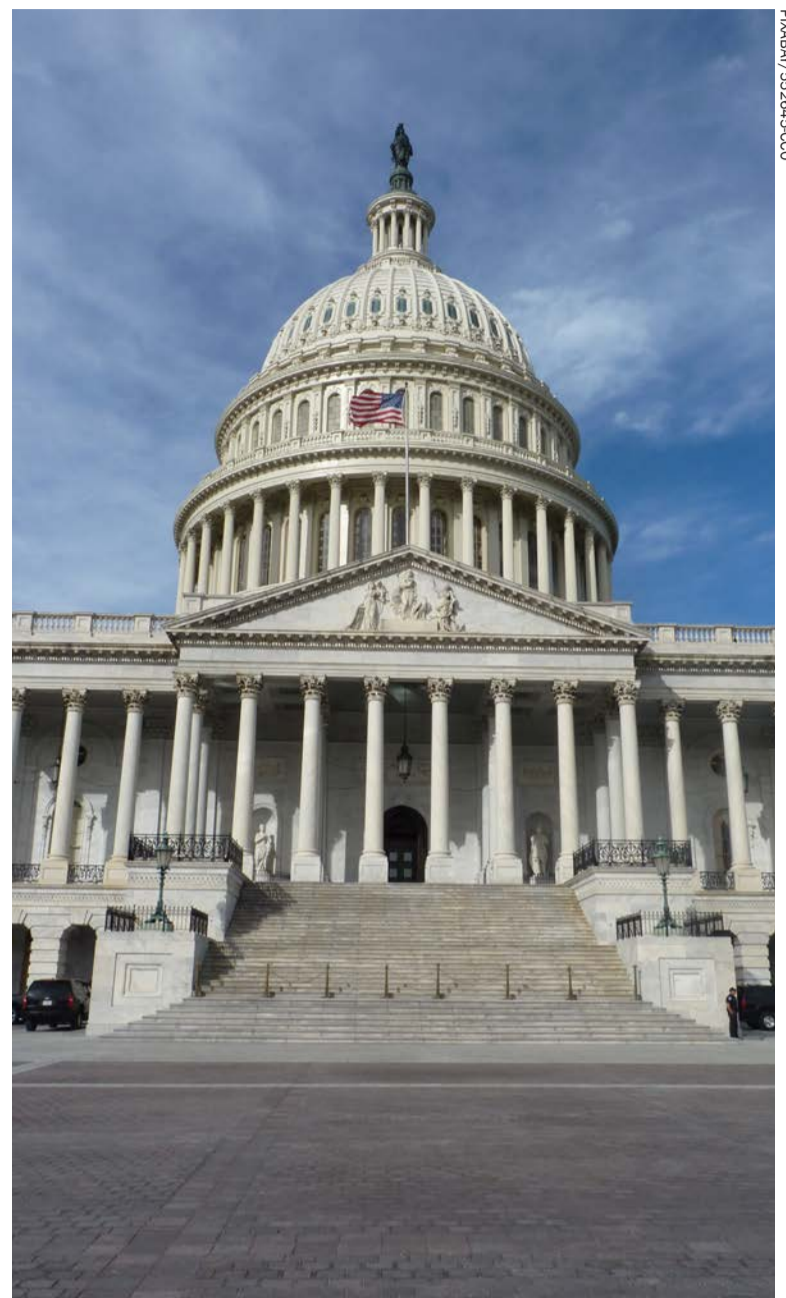
Atentos aos acontecimentos políticos mais recentes, os autores destacam que as ditaduras não são mais necessariamente instauradas por uma revolução ou por um golpe militar. Em lugar do uso da violência e das armas convencionais, o autoritarismo hoje nasce e se estabelece por meio do enfraquecimento lento e constante das instituições democráticas e pela corrosão das normas políticas. Assim, baseados nos estudos do cientista político Juan Linz, os autores mostram que a aproximação ao autoritarismo, inicialmente quase imperceptível, começa a aparecer de modo mais evidente quando os políticos: (1) rejeitam, em palavras e ações, as regras do jogo democrático; (2)

negam a legitimidade dos adversários e oponentes; (3) toleram e até encorajam a prática da violência; e (4) dão indicações claras de que estão dispostos a restringir liberdades civis dos adversários e, inclusive, propõem um controle da mídia.

Das reflexões de Levitsky e Ziblatt emerge a pergunta sobre a possibilidade de se construírem barreiras de proteção à democracia. Talvez possa entrar em jogo aqui um aspecto para o qual os autores não deram muita importância: o poder da educação. Se for verdade, por um lado, que a manutenção da democracia depende do comportamento dos políticos e das instituições, não parece, por outro, ter menos importância a formação cultural e o esclarecimento dos eleitores, que compõem uma categoria essencial na constituição das estruturas e dos processos democráticos. Sem uma boa formação cultural dificilmente será possível fazer desaparecer o véu de ignorância que permite e facilita a manipulação da opinião pública.

Também por isso esse livro constitui uma leitura oportuna e esclarecedora para quem deseja compreender o que se passa, igualmente, no Brasil de hoje.

*Doutor em Filosofia e professor na Faced/UFRGS



Estados Unidos é uma das principais democracias em colapso analisadas na obra de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt



Como as democracias morrem

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt
Rio de Janeiro: Zahar, 2018
272 páginas
R\$ 50,00 (preço médio)



Vozes Femininas na Filosofia

Ana Rieger Schmidt, Gisele Dalva Secco, Inara Zanuzzi
Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018
216 páginas | R\$ 25 (preço médio)

Mulheres na Filosofia

A Representatividade é fazer presente algo que está ausente. E o curso de Filosofia nas universidades brasileiras sofre uma crise: tanto na graduação como na pós-graduação, menos de 30% dos docentes e discentes são mulheres.

Vozes Femininas na Filosofia é um livro que tenta romper esse paradigma. A partir de um conjunto de contribuições de professores e pesquisadores de filosofia de diferentes universidades brasileiras, produzido no I Encontro "Vozes femininas na Filosofia", em junho de 2017, na UFRGS, a obra se mantém por si só.

A organização do material foi feita pelas filósofas Ana Rieger Schmidt, Gisele Dalva Secco e Inara Zanuzzi para fornecer à pesquisa informações sobre o trabalho filosófico de mulheres para que elas sejam mais bem contempladas em sala de aula. Vários textos do livro mostram a contribuição feminina na história da filosofia e a importância de suas atuações em diversas áreas do conhecimento, como metafísica, filosofia política e teoria feminista. Há uma tentativa também de

entender as dificuldades que marcam a trajetória acadêmica dessas mulheres. Alguns textos têm uma perspectiva marcadamente histórica, procurando situar o pensamento das autoras no seu contexto intelectual e social. Outros abordam autoras contemporâneas e suas contribuições para o debate filosófico. Há ainda trabalhos que apresentam discussões sobre a teoria feminista atual, como Margaret Gilbert, analisada pelo professor Daniel Simão Nascimento a partir de comentários e de suas percepções. A filósofa inglesa mostrou novos relatos de uma série de fenômenos sociais centrais no contexto de propostas de intelectuais, como Émile Durkheim, Georg Simmel e Max Weber, algo revolucionário para a sua época. A obra é essencial dentro e fora da academia. É uma forma de representar melhor o público feminino e todo o seu trabalho na produção de conhecimento. A obra dá visibilidade aos trabalhos relevantes de diferentes filósofas e põe em pauta a representatividade feminina nas universidades. (Carolina Pastl)



Estela sem Deus

Jeferson Tenório
Porto Alegre: Zouk, 2018
206 páginas | R\$ 35,00 (preço médio)

Morte, Deus e futuro

Estela sem Deus, do escritor e mestre em Literatura da UFRGS Jeferson Tenório, é aquela leitura que pode ser feita em uma tarde só, cujo enredo é tão envolvente que é praticamente impossível parar de ler. Com mais de 200 páginas, o romance se passa entre Porto Alegre e a cidade do Rio de Janeiro e conta a trajetória da menina Estela em busca de respostas para temas como a morte, Deus e o futuro. Já no primeiro capítulo, a personagem reflete sobre o significado de morrer e começa a pensar que gostaria de ser filósofa e sobre as características das pessoas que se dedicam a esse ofício. Estela nos conduz para dentro de seu universo muitas vezes triste, mas também de resistência. As lembranças dos 13 aos 16 anos incluem atos de violência contra a mãe – empregada doméstica –, de machismo, de racismo, de abandono por parte do pai, além da experiência de ter que ir morar "de favor" na casa da madrinha. Claro que também há espaço para momentos felizes, como as descobertas do amor e o início da amizade com Melissa, que vai instigar seus pensamentos e incentivar perguntas e

respostas mais profundas, e para momentos de determinação, em que a menina decide falar o que pensa e traçar um destino diferente daquele vivido por sua mãe. Sem panfletar, a história trata também da demonização de religiões de matrizes africanas, além de discorrer sobre a ditadura do cabelo liso e sobre os comportamentos esperados das mulheres negras na nossa sociedade, já que Estela sente na pele a desigualdade social. Em alguns trechos, parece que o autor coloca uma visão mais alinhada aos dias atuais no que diz respeito a questões femininas, como nas frases "Queríamos ser livres. Eu e o meu sangue". Essa e algumas outras afirmações não parecem típicas de uma adolescente da década de 1990, mas pode ser justamente o poder dessas provocações o que torna tudo ainda mais saboroso na leitura. *Estela sem Deus* é um livro para refletir sobre os principais questionamentos da vida, capaz de gerar enorme empatia com o outro, além de contribuir para a literatura negra do Brasil. Tudo isso numa linguagem dinâmica e atraente. (Bárbara Lima)